

EXPECTATIVAS

As pessoas, assim como as empresas, tomam suas decisões em razão das expectativas. Se você entra num financiamento imobiliário, você tem a expectativa de viver vários anos e através do seu trabalho conseguir pagar este financiamento. É claro que se a empresa que você está trabalhando passa por dificuldades, ou se a sensação em relação ao emprego não lhe causa segurança, o sonho da casa própria poderá ser adiado. As empresas também são administradas em função das expectativas criadas pela situação do mercado consumidor, ou seja, deve-se fazer um investimento na fábrica ou na loja para aumentar a capacidade de produção, ou comprar mais produtos se as vendas e as expectativas de vendas não correspondem a essa atitude?

A taxa de juros entram nesta questão das expectativas de uma forma decisiva. Quanto maior a taxa de juros cobrada, tanto na aquisição de produtos quanto no crédito pessoal, menor a capacidade de consumo das pessoas, como também menor a expectativa de vendas das empresas. Este círculo vicioso continua aumentando, pois quanto menor as vendas, menor a necessidade de funcionários e assim com o desemprego, diminui-se a renda da população que contrai as vendas e sucessivamente este círculo se realimenta.

A mudança de expectativas começou com a inversão na tendência da taxa selic, nas duas últimas reuniões do Comitê de Política Monetária do Banco Central (COPOM). A taxa selic é a taxa de juros que remunera os títulos da dívida pública que serve como base para o cálculo dos juros dos bancos. Emprestar dinheiro para o governo é considerado, pelo mercado financeiro, uma operação muito segura, ou seja, o risco de não receber é o mais baixo do mercado, enquanto que emprestar dinheiro para as pessoas é mais arriscado, pois podem ficar doentes ou perder o emprego e portanto deixar de pagar o banco. Desta forma quem quiser dinheiro para comprar uma geladeira ou comprar um carro terá que pagar um “prêmio” maior para a financeira, isto é, uma taxa de juros bem maior que os atuais 24% ao ano cobrados do governo. Ora, se para melhorar o consumo e por conseqüência a renda é uma questão de baixar a taxa de juros por que o governo simplesmente não baixa? Existem muitos fatores que influenciam nesta decisão, mas num passado recente o mais importantes foram os índices de inflação.

Para controlar a inflação o atual governo optou pela elevação na taxa de juros, ou seja, pela diminuição na capacidade de consumo das pessoas. Com o consumo menor os reajustes de preços perderam força, pois as vendas caíram e as empresas diminuíram suas margens de comercialização. As conseqüências foram recessivas com diminuição da atividade econômica e do emprego. A inversão na tendência da taxa de juros, isto é, de ascendente para descendente reverte também as expectativas em relação ao futuro. As empresas começam a acreditar num futuro melhor e portanto que precisarão manter seus empregados e, se tudo continuar nesta tendência, poderão até crescer.

Apesar da situação difícil em que vivemos, existe uma soma de fatores que deverão convergir para uma melhora na situação. Além da inversão dos juros o governo liberou um volume maior de dinheiro para os bancos emprestarem através da diminuição das reservas compulsórias que os bancos são obrigados a recolher ao Banco Central. Estas medidas contribuem para o aumento do volume de crédito e para diminuição do seu custo. O crédito tem um impacto muito maior no consumo do que o aumento de renda. Somando-se a isto as reformas previdenciária e tributaria continuam caminhando no o que aumenta a credibilidade do governo e sua capacidade se honrar seus compromissos futuros.

Podemos num futuro próximo mudar de um círculo vicioso para um círculo virtuoso e assim de más expectativas para boas expectativas. Quando começamos a vislumbrar um futuro melhor consumimos mais e as empresas também investem mais, pois acreditam que terão condições de construir o futuro hoje.